

Brasil

Por que os juros são tão altos no Brasil

Pedro Cafardo



O debate era sobre os juros no Brasil. Na verdade, um "quase debate", o que se chama hoje de "live" em que os convidados fazem exposições sem muitas interrupções. O desafio era responder a uma pergunta: por que os juros estruturais são tão altos no país e o que podemos fazer para resolver esse problema?

Em período eleitoral, a pergunta faz muito sentido. A taxa de juros básicos (Selic) está em 13,75% no Brasil, bem acima da europeia (0,75%), e da americana (2,5%). Nos últimos 18 anos, de 2004 a 2022, a taxa média brasileira de juro real foi de 5% ao ano, nível bastante elevado para remunerar aplicações praticamente sem risco.

O tema tem sido tratado superficialmente nos debates eleitorais, até porque é técnico demais. Mas em confronto entre economistas de diferentes tendências saem explicações também diversas para responder à pergunta inicial.

Vamos chamar de "Debatedor X" o economista progressista que levanta o problema da indexação, segundo ele uma das causas do juro alto, não a única. Também chamada de correção monetária, essa jabuticaba brasileira foi inventada na ditadura militar. Achava-se que o Brasil havia descoberto o remédio infalível para a inflação. Se os preços em geral fossem corrigidos automaticamente, pensava-se, a inflação tenderia a zero. Mas tudo errado. Criou-se uma inflação que foi levando a inflação até 1.782% em 1989. A correção resistiu durante uns dez anos após o fim da ditadura e foi extinta no Plano Real, em 1994. Foi mesmo?

Há entulhos a remover e sociedade é inconsequente

O Debatedor X diz que não. O Plano Real só proibiu a indexação de contratos com prazo inferior a um ano. Os mais longos, como alugueis, planos de saúde, energia, telecomunicações, aposentadorias, crédito imobiliário, continuam até hoje sendo reajustados de acordo com algum índice de inflação. Trata-se, segundo X, de um entulho institucional que continua a prejudicar a economia brasileira: cria a inflação inflacionária, porque a inflação de hoje é dependente da passada. E para vencer essa inércia, os juros precisam ser altos.

O próximo governo, opina X, terá de fazer uma reforma monetária com a desindexação gradual para, finalmente, completar o Plano Real. A própria dívida pública é indexada pela Selic, o que diminui a eficácia da política monetária.

O Debatedor Y acha que "a indexação precisa morrer de morte natural, por uma evolução da sociedade, não na cadeia elétrica". Sugere que os altos juros são consequência de uma insuficiência estrutural brasileira. Falta um regime fiscal de estabilidade e isso impede a sociedade de ter confiança no que vai acontecer no país. Nada adiantaria, segundo Y, fazer uma lei dizendo que a correção acabou, porque ela está na cabeça do brasileiro. Só quando o mecanismo não estiver mais sendo usado é que ele pode ser extinto: "Tem que morrer por uma evolução da sociedade".

Y entende que a propensão para poupar no Brasil é baixa

porque não temos esse regime fiscal de estabilidade, que alcançamos paulatinamente com o avanço da democracia e do debate público. "Mudar a política monetária é complicado, porque um erro do piloto pode derrubar o avião."

O Debatedor Z tem visão mais radical. Considera que as escolhas no Brasil são "inconsequentes" e isso exige juros reais muito altos. As preferências políticas de ações de curto prazo seriam desconectadas das ações de causalidade. Z dá dois exemplos dessa inconsequência:

Exemplo 1: Não se busca mais resolver o problema da pobreza com crescimento ou geração de emprego e renda, mas com transferência de renda. O atual governo está transferindo cerca de R\$ 150 bilhões pelo Auxílio Brasil. A economia não aguenta esse excedente. Então, o pobre receberá um dinheiro que vai ser confiscado pela inflação. Ai sobem os juros e no longo prazo o pobre fica desempregado. Essa relação de causalidade não é compreendida pela sociedade.

O raciocínio continua. Z observa que todo mundo é a favor do Auxílio Brasil, mas todo mundo também diz que "vaidar um kamikaze". E ninguém tem coragem de dizer: "Parem com isso, é irresponsável". Z calcula que estão sendo transferidos 9% do PIB dos ricos para os pobres e cita uma frase de Delfim Netto: "Quanto mais social fica o Brasil, mais desempregado fica o pobre".

A conclusão de Z é que a política monetária se torna o extintor de todo isso. Daí os juros elevados. Exemplo 2: O BC manteve o juro real negativo durante quase um ano e meio, de junho de 2020 a novembro de 2021. Z suspeita que isso foi proposital, para debitar a inflação e acelerar a produção um superávit fiscal razoável, porque desvalorizaram-se as despesas e valorizaram-se as receitas do governo. Com isso, o resultado primário virou positivo.

Se isso foi mesmo proposital, diz Z, trata-se de crime contra as finanças da sociedade. O juro real agora tem que passar de 6% ao ano. Por quê? Porque o BC tergiversou. Z vê as escolhas no Brasil como inconsequentes. Por isso, temos juros reais muito altos. "Nos EUA, não é preciso carregar o juro real para que a inflação caia. Lá a taxa é até negativa, porque sabe-se que não haverá chochas destrambelhadas na área fiscal".

O "quase debate" termina com um contraponto de X a respeito do controle da demanda implícito na fala de Z. O Banco Central Europeu (BCE) aumentou a taxa de juros (0,75%), enquanto a inflação média na União Europeia (UE) é 7% ao ano, o que significa, numa conta de padaria, juro real negativo de mais de 6%. X citou também os EUA, que elevaram a taxa de 0,25% para 2,5%, com a inflação próxima de 10% ao ano.

Além disso, a política fiscal americana é fortemente expansionista e Biden acaba de fazer um pacote com gastos de US\$ 400 bilhões. Lembra que as regras fiscais estão suspensas na UE e não há prazo para os países voltarem a cumprir as restrições do Tratado de Maastricht.

Conclusão de X: Nenhum país está controlando a demanda agregada agora por causa da excepcionalidade vivida pela economia mundial.

Houve uma combinação perversa de pandemia com guerra na Ucrânia e até há risco um conflito mundial.

Quem chegou até aqui merece saber que o Debatedor X é José Luís Oreiro, professor da UNB, o Y, Carlos Eduardo de Freitas, ex-diretor do Banco Central, e o Z, o economista Felipe Ohana. O "quase debate" foi promovido pelo Conselho Regional de Economia do Distrito Federal.

Pedro Cafardo é jornalista da equipe que criou o Valor Econômico e escreve quinzenalmente às terças-feiras. E-mail: pedrocafardo@valor.com.br

Incêndios ameaçam 5,5 mil pessoas e floresta na Terra Indígena do Xingu

Daniela Chiaretti

Do Parque Indígena do Xingu (MT)

A fumaça dos incêndios atinge várias aldeias do Parque Indígena do Xingu, o mais famoso território indígena do Brasil. Criado em 1961 e idealizado pelos irmãos Villas Boas, o PIX é uma ilha de 2,8 milhões de hectares de florestas rodeada por plantações de soja por todos os lados.

Na região do parque vivem 16 povos e cerca de 5,5 mil pessoas. Desde a primeira semana de julho o território está convivendo com focos de incêndio que podem estar fora de controle devido à seca e às altas temperaturas na região.

Nesta segunda-feira, 12, havia duas aldeias ameaçadas pela proximidade das chamas e várias comunidades amanheceram sob nuvens de fumaça. Dois helicópteros e mais de 300 homens do Ibama e brigadistas tentavam conter o fogo.

Em reunião segunda-feira, em Canarana, uma das cidades no entorno do Parque, lideranças indígenas manifestaram sua preocupação com a intensidade dos incêndios, o tempo muito seco e a falta de chuvas.

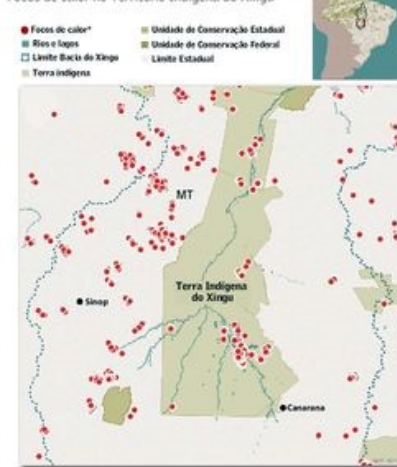
O encontro foi solicitado pelo cacique Afukaka Kuikuro e reuniu lideranças das etnias Kalapalo, Yawalapiti, Kamaiurá, Kisejé, Yudja e de várias associações.

O maior fogo está na região da Lagoa Tafununu, território de ocupação ancestral dos Kuikuro e onde ocorreu o kuarup do jornalista Washington Novaes, falecido em agosto de 2020 e homenageado pelos indígenas.

Kuarup é o ritual das comunidades indígenas do Alto Xingu, no Nordeste do Mato Grosso, que celebra a vida e se despede de

Fogo nas terras indígenas

Focos de calor no Território Indígena do Xingu*



Fonte: Atlas - 10/09/2022 (última 24 horas)

mortos ilustres. O fogo é grande e faz a fumaça chegar bem longe.

"A floresta está queimando no Alto Xingu, na floresta dos Kuikuro e pode ir para as florestas dos Kalapalo e dos Matipú", diz Watatalko Yawalapiti, coordenadora da Associação Terra Indígena do Xingu (Atix) - Mulheres. "Há muita gente tentando apagar, mas está muito perigoso."

Os indígenas manifestaram apoio ao Ibama para conter o fogo. "Tem duas aldeias onde o fogo pode chegar. Tem que tentar fazer de tudo para que o fogo desvie para outro lado", diz Wa-

tatalko Yawalapiti. "Estamos torcendo para que chova".

A direção da Atix reconhece o esforço do Ibama de tentar controlar a situação, mas reivindica mais coordenação com as lideranças indígenas do TIX para decidir como e onde serão feitas as queimas preventivas em 2023.

O Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo) é o ponto focal, dentro do Ibama, que procura prevenir os incêndios com campanhas educativas e estratégias. Uma delas, por exemplo, é a queima controlada da matéria

orgânica seca que é combustível para os incêndios nos meses mais quentes.

Os pequenos aviões bimoteres que sobrevoam a região e trazem normalmente médicos e suprimentos, não conseguem pousar nas aldeias com a falta de visibilidade provocada pela fumaça.

Um cálculo preliminar diz que há uma linha de 50 quilômetros de fogo cortando o Parque. Na segunda-feira passada havia nove regiões queimando no Território Indígena do Xingu — o TIX, como preferem chamar os indígenas. No domingo já eram 12.

"Agora é importante ajudar a apagar ou mitigar o fogo até as chuvas voltarem, em outubro", diz Biviany Rojas Garzón, coordenadora do Programa Xingu do Instituto Socioambiental. No meio desta tragédia está surgindo uma ideia para depois do fogo apagar.

"Pensamos em como recuperar as áreas queimadas. Uma ideia poderia ser, junto com os helicópteros do Ibama, jogar as sementes da muvuca netas áreas", afirma Watatalko Yawalapiti.

Muvuca é uma mistura de diferentes sementes nativas da Amazônia e do Cerrado, que são plantadas diretamente no solo. A técnica é usada pela Rede de Sementes do Xingu desde o começo da entidade, em 2007. As sementes são coletadas por indígenas, assentados rurais e quilombolas em um movimento que vem crescendo ao longo dos anos.

A técnica de restauração florestal por sementes foi utilizada na Mata Atlântica destruída pela poluição das indústrias de Cubatão nos anos 80.

A jornalista viajou ao TIX a convite do ISA e da Rede de Sementes do Xingu.

GLP cai 4,7%, mas impacto na inflação é pequeno

Gabriela Ruddy e Rafael Rosas

Do Rio

A Petrobras vai reduzir os preços médios de venda do gás liquefeito de petróleo (GLP) por quilo para R\$ 4,03 por quilo nas refinarias às distribuidoras a partir de hoje. A redução equivale a um corte de 4,7%. De acordo com a companhia, a diminuição levará o botijão de 13 quilos, o mais usado em residências, um preço médio de R\$ 52,34, numa queda de R\$ 2,46. O anúncio, feito na tarde de ontem, foi o décimo corte nos combustíveis da estatal desde julho.

A última redução no GLP havia ocorrido em 9 de abril, quando a estatal também cortou os preços, em uma redução de 5,6%. Ainda assim, o preço do produto segue 4,4% acima do registrado no fim do ano passado.

A Petrobras disse, em nota, que o corte acompanha a evolução dos preços de referência e é coerente com a prática da companhia, que busca o equilíbrio com o mercado, mas sem o repasse da volatilidade conjuntural.

Segundo especialistas, havia expectativa no mercado de uma redução nos preços do GLP, por causa da queda nos preços internacionais do petróleo e gás nos últimos meses. "Não foi surpresa, o mercado internacional apresentava tendência de queda na prática", afirma o presidente do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Gás Liquefeito de Petróleo (Sindicag), Sérgio Bandeira de Mello.

Depois da invasão da Ucrânia pela Rússia, o petróleo tipo Brent, principal referência internacional, chegou a ultrapassar a barreira dos US\$ 130 por barril, em março. Ontem, no contrato para novembro, a cotação estava em US\$ 94 por barril.

"No GLP, não havia uma movimentação desde abril, então é natural que agora fosse feito esse repasse, com o barril abaixo de US\$ 100. Criou-se um hiato de cinco meses em que não houve troca no preço do gás de botijão. Esse novo movimento está alinhado com os últimos que foram feitos pela companhia, tanto na gasolina quanto no diesel", diz

Ilan Arbetman, analista da Ativa Investimentos.

Expectativa é que a redução no GLP terá um efeito de aproximadamente 0,04 ponto percentual ao longo de 30 dias no IPCA, de acordo com o coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), André Braz. O impacto no IPCA de setembro será de aproximadamente 0,02 ponto percentual, com outro 0,02 ponto percentual em outubro.

"Como o gás de botijão acumula uma gordura importante nos últimos meses, a queda [de hoje] ajuda, mas não resolve todos os problemas. É melhor acumular uma série de quedas para reduzir efeitos do passado. Mas para as famílias de baixa renda, qualquer redução de preço torna o valor do botijão menos opressor", afirmou.

O presidente do Sindicag afirma que a demanda pelo botijão de 13 quilos, que corresponde a 70% das vendas no país, está reprimida neste ano. Em média, as vendas do botijão para uso residencial estão 4% abaixo do ano

passado. Segundo ele, a retração está relacionada ao empobrecimento da população e ao fim do auxílio emergencial. Também há um impacto do relaxamento das restrições à mobilidade adotadas na pandemia, o que levou a um retorno da alimentação fora de casa e a uma redução na demanda pelo GLP doméstico.

"Não acredito que essa queda nos preços na refinaria possa impactar o perfil da demanda, o impacto no preço final é baixo e o GLP continua competitivo em relação a outras fontes. Nos últimos dois anos, o GLP subiu menos que o gás natural e a energia elétrica", afirmou.

Para a analista do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Inepg), Carla Ferreira, o movimento da Petrobras de redução nos preços não está descolado do mercado internacional. "Haveria espaço para reduzir ainda mais os preços, mas vamos precisar acompanhar a estratégia da Petrobras, principalmente considerando que há um elemento político forte neste ano, com as eleições", disse.

Índice de empresas citadas em textos nesta edição

Aeris C5	Brasnet C1	Estância Coimbra B3	Klabim B3	Prumo Logística B4	TotalEnergies B8
AES Tietê C5	Broken C6	Eve B4	Lafam B5	PwC B5	Trends School B2
Airbus B1	BTC Futurol C6	Falcon B2	Le Brical C5	Razon B8	Ultra C6
Alcoa A11	Co Base C1	Falcon C6	Lumina Capital Management C6	Reserva B2	Ultrazap B4
Algar B5	Caixa C6	Fitch C5	Meta B2	Restoque C5	Ultrazap B4
Algar Telecom B5	Chang Airport B1	Flux Institute B2	Meta Asset Management C6	Revolution Aero B4	United Airlines B1, B4
Andrade Guterres C5	Check Point Research B5	General Shipping C5	Microsoft B2	RITGaleão B1	USJ C5
Anglo American B4	Check Point Software Technology B5	Golden Sachs C6	Miranda Estância S.A.	Safra A11	Vale B4
Artemis C5	Claro B5, C1	Gradiente B6	Agropecuária B3	Shell B5	Vamos C1
Apple B6	Deleite B5	Grupo Toffigara A11	Moody's C5	SmartFli C5	Vegan Business B7
ArcelorMittal A11	Disney B6	Haidt A11	Sidrock A11	SPS C6	Vertical Aerospace B4
Archer Aviation B4	Elring B4	Karand Business School B2	Tut B7	Sidrock A11	Vivo B5, C6
Arzoo & Co B2	EID Partners B4	Kidvivas C5	Telêfônica B5, C6	Teletônica B5, C6	Volvo B1
Atlas Investimentos A2	Eldorado C5	IDC B5	Tempest B5	The Miraz Estância Company Limited B3	Wayra C6
Azul B5	Electrolux B6	Imbrando C5	The Miraz Estância Company Limited B3	Third Point Management B6	Wiza Concept B7
Banrisul C1	Embraer B4, B5	Instituto Fear B1	Tim B5	Wiza Concept B7	Yara B8
Bayer B7	Embratel B5, C1	K Fund C6	Toro Par B7	Yara B8	Zamp B6
BBVA C6	Equinor B8	KIC B3			
Bluebird C2	Espacoflex C5				
BNDES A6	ESPN B6				
Boeing B1					

Assine Valor

Ligue e assine agora:
0800 7018888

assinevalor.com.br